

BWC / BLACK-WHITE-COLONIALITY & RECONSTRUÇÃO EPISTÊMICA

BWC / BLACK-WHITE-COLONIALITY & EPISTEMOLOGICAL RECONSTRUCTION

Lenita Perrier¹

<https://orcid.org/0009-0001-6288-1013>

Institut des mondes africains - EHESS - Paris, França

RESUMO

A proposta desse artigo é de avançar a análise crítica sobre a investigação das relações sociorraciais binárias (*Black-White-Coloniality*) tangenciada pelos contextos brasileiro e francês no Norte-Sul Global. Um primeiro eixo de questionamento reflete sobre como elaborar as metodologias investigativas próprias ao campo da antropologia-social ao abordar as temáticas sociorraciais e suas novas reconstruções epistemológicas e pensamentos fronteiriços. Um segundo eixo focalizado sobre a construção de parâmetros de avaliação de pesquisadores negros/as, brancos/as e mestiços/as e suas respectivas legitimidades, “neutralidades” e compromisso científico ao investigar suas culturas e experiências vividas. E um terceiro eixo, transversal e conclusivo aos dois primeiros, em que nos perguntaremos como promover a investigação em ciências sociais sobre branquitude ou negritude ancorados na perspectiva prática/teórica (práxis) da teoria crítica racial e da modernidade/colonialidade/decolonialidade (MCD).

Palavras chaves: Colonialidade; BWC; sociorraciais; reconstrução epistemológica; Norte-Sul Global.

ABSTRACT

This article proposes to advance a critical analysis on the investigation of the binary socio-racial relations (*Black-White-Coloniality*) crossed by the Brazilian and French social contexts in the North-South Global. A first axis of enquiry reflects on how to elaborate the methodologies of investigation specific to the socio-anthropological fields when addressing

¹ Lenita Perrier é doutora em antropologia-social pela École des Hautes Études en Sciences Sociales/EHESS, Paris, França. Ela é co-fundadora do grupo de pesquisa FIRA-Frontières identitaires et Représentations de l'altérité. Email: lperrier@msh-paris.fr/<https://www.openedition.org/10426>.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Esta obra está licenciada com uma [Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)



the socio-racial themes and its new epistemological reconstructions and border-thinking. A second axis of enquiry focus on the construction of assessment parameters for Black researchers, white researchers and mixed-race researchers and their respective legitimacies, “neutralities” and scientific commitment to the investigation of their own culture and lived experiences. A third axis, transversal and conclusive to the above, enquiry on how to promote the social sciences’ investigation on whiteness and blackness anchored by a practical/theoretical (*práxis*) perspective of the critical racial theory and the modernity/coloniality/decoloniality (MCD).

Keywords: Coloniality; BWC; socio-racial; epistemological reconstruction; North-South Global.

INTRODUÇÃO

Considerando que uma suposta neutralidade científica “positivista” (Haraway, 1988, 1991) não se sustenta nos diversos campos de pesquisa em ciências sociais e humanas do século 21—tanto no Norte Global como no Sul Global—alguns questionamentos centrais tornam-se necessários para a elaboração de um diálogo exploratório e investigativo do campo específico da antropologia social. Nesse contexto de *situated knowledges*² (Haraway, 1988), a proposta desse artigo é de avançar a análise crítica sobre a investigação das relações sociorraciais tangenciada tanto pelo contexto brasileiro como pelo contexto francês que é o meu campo originário de pesquisa (Perrier, 2016, 2018, 2022).

Avanço nesse sentido três eixos centrais de análise—interseccionados, transversais e interdependentes—com o intuito de situar e lançar luz sobre alguns aspectos problemáticos enfrentados pelas ciências sociais e humanas ao se debruçar sobretudo sobre as complexidades oriundas dos processos relativos às pesquisas sobre relações sociorraciais. Consequentemente, essa análise se situa de forma manifesta na intersecção dos estudos de raça, gênero, sexualidade e classe social e/ou outros marcadores sociais múltiplos que permeiam e definem as práticas e os novos modos de ser, agir e pensar dos agentes sociais responsáveis pelas investigações, produções e difusões dessas temáticas (Davis, 1983; Gonzalez, 1984, 1988; Crenshaw, 1991; Brah, 1996; Lugones, 2008; Fanon, 1952, 1961).

Um primeiro eixo central deve nos levar ao questionamento de como elaborar as metodologias investigativas próprias ao campo da antropologia-social ao abordar as temáticas sociorraciais e suas novas epistemologias; um segundo eixo focalizado sobre a construção de

² “It’s precisely in the politics and epistemology of partial perspectives that the possibilities of sustained, rational, objective inquiry rests” (Haraway, 1988, p. 584).

parâmetros de avaliação de pesquisadores negros/as, brancos/as e mestiços/as e suas respectivas legitimidades, “neutralidades” e compromisso científico ao investigar a cultura e experiência vivida desses/as pesquisadores/as; e, finalmente, um terceiro eixo transversal e conclusivo aos dois primeiros em que nos perguntaremos como promover a investigação em ciências sociais sobre branquitude ou negritude ancorados na perspectiva prática/teórica (práxis) da teoria crítica racial e da modernidade/colonialidade/decolonialidade³ (MCD) (Quijano, 2000, 2007a, 2007b; Dussel, 1977, 1992; Mignolo, 2011, 2018).

1. Breve contextualização histórico-situada do Norte Global e Sul Global

Ao longo dos últimos 10 anos, o prognóstico de que o mundo em que vivemos e conhecemos se modificou radicalmente é uma constatação recorrente inegável. Um novo ecossistema digital nos transformou em *humanos-digitais* comandados por plataformas digitais: as Big Techs e seus Algoritmos que permanecem ocultos ao conhecimento real da comunicabilidade e da sociabilidade controlada que nos afeta. Essa guinada socioeconômica, política e cultural globalizada e dirigida digitalmente se mostrou uma etapa inevitável do avanço tecnológico digital desenvolvido no final da segunda metade do século 20.⁴

Como resultado, observamos, de um lado, a euforia manifesta de poder usufruir de infinitas possibilidades de conhecimento disponíveis em um simples *click*. O que nos impõe uma assimetria em relação à nossa própria capacidade intelectual/cognitiva para elaborar a informação e o conhecimento adquirido longe dos efeitos de dispersão mental provocados pela interação *humana-digital* (normatizada por políticas diversas de cunho neoliberal). Por outro lado, é possível apontar—como o fez o neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis (2024)—que os efeitos negativos dessa tecnologia potente, para além de qualquer controle e mediação, aponta para uma diminuição cognitiva da potencialidade humana-orgânica. Para

³ “*In America, the idea of race was a way of granting legitimacy to the relations of domination imposed by the conquest. After the colonization of America and the expansion of European colonialism to the rest of the world, the subsequent constitution of Europe as a new id-entity needed the elaboration of a Eurocentric perspective of knowledge, a theoretical perspective on the idea of race as a naturalization of colonial relations between Europeans and the non-Europeans. Historically, this meant a new way of legitimizing the already old ideas and practices of relations of superiority/inferiority between dominant and dominated.*” (Quijano, 2000, pp. 534-535).

⁴ Vale apontar que a China, Índia e Rússia possuem suas próprias redes-sociais digitais adotadas como parte das políticas de defesa da soberania desses países frente ao domínio hegemônico das Big-Techs/Algoritmos exercida de forma neocolonialista pelos EUA.

esse neurocientista a Inteligência Artificial (IA) não é nem inteligente e tampouco artificial—ela é em essência dependente da engenharia humana-orgânica-analógica.⁵

É, portanto, diante dessa genealogia histórica desafiadora da influência exponencial das Big Techs e Algoritmos impostos pelo domínio socioeconômico, geopolítico e cultural do sistema-mundo colonial/moderno do Norte Global (Wallerstein, 2013) que devemos situar e contextualizar as sociedades do capitalismo periférico contemporâneo do Sul Global e suas estratégias reais e/ou utópicas situadas na *diferença colonial* (Mignolo, 2002).⁶

Outro aspecto localizado no tempo-espaço recente (anterior a fase *humano-digital*) se refere às políticas de reconstrução e movimentos sociais Europeus posteriores à 2ª Guerra Mundial ancorados em programas político-sociais Keynesianos/Estado-Providência (*welfare-state*) de grande envergadura (os “Trinta Gloriosos” de 1945-1975). Fato é que esses programas vinculados ao Estado de Bem Estar Social foram paulatinamente enfraquecidos como resultado das políticas neoliberais iniciadas nos anos 1980, seguidos pela queda do muro na Alemanha Oriental e o fim da União Soviética (1989/1990). Devemos lembrar também que nas décadas anteriores—dos anos de 1955 aos anos 1970—diversas lutas, guerras e movimentos sociais culturais, econômicos e políticos promoveram a descolonização em África e outros países da Ásia. Isso ocorreu sob a influência das iniciativas do movimento político e intelectual de independência e não alinhamento com o Norte Global que foi realizado em Bandung na Indonésia em 1955.⁷

Do outro lado do Atlântico Sul Global, a reconstrução democrática dos países da América Latina se fez através de uma série de movimentos e lutas sociais⁸ de confronto ao

⁵ Cf. Silva & Paniago, 2024.

⁶ “Dependency theory was a political statement for the social transformation of and from Third World countries, while world-system analysis was a political statement for academic transformation from First World countries. This difference, implied in the geopolitics of knowledge described by Carl E. Pletsch, is indeed the irreducible colonial difference—the difference between center and periphery, between the Eurocentric critique of Eurocentrism and knowledge production by those who participated in building the modern/colonial world and those who have been left out of the discussion” (Mignolo, 2002, p. 63).

⁷ The Bandung Conference took place from 18 to 24 April 1955 in Bandung, Indonesia, delegates from newly independent African and Asian countries met to affirm their desire for independence and their refusal to align with the world powers. The conference was attended by representatives from 29 countries: 23 from Asia and 6 from Africa. They were united in their opposition to colonialism, and urged countries still under colonial rule to fight for independence. They demanded: a) the decolonisation and emancipation of the peoples of Africa and Asia; b) peaceful coexistence and economic development; c) non-interference in internal affairs.

⁸ O movimento socio-político de cunho marxista da *Teologia da Libertação*, junto aos intelectuais ativistas e religiosos como Gustavo Gutiérrez, Dom Helder Câmara, Paulo Freire e Leonardo Boff, entre outros, vai impulsionar as diversas lutas sociais e anticapitalistas/imperialistas para a libertação dos povos oprimidos.

legado colonialista, escravocrata e imperialista Europeu/Estadunidense. Os regimes ditatoriais provenientes da ingerência dos Estados Unidos na região (no contexto de Guerra Fria) culminou nos 21 anos de chumbo no Brasil, de 1964-1985, e outros golpes de estado no Chile de 1973-1990, no Peru de 1968-1980, no Uruguai de 1973-1985, na Argentina de 1976-1983. Apesar do avanço de um regime democrático (de baixa intensidade) baseado na nova Constituição no Brasil a partir de 1988, consolidou-se nessa sequência histórica a hegemonia e dominância da *colonialidade do poder* através do sistema-mundo colonial/moderno, global, capitalista, neoliberal de cunho rentista/financeiro. Nessa continuidade, a partir de 2008, esse sistema entra em uma fase de crise aguda e passa a afetar e modificar intensamente a complexa geopolítica das duas primeiras décadas do século 21 até a presente década.

Essas novas condições históricas, geopolíticas, culturais e socioeconômicas no decorrer dos últimos 40 anos promoveram uma gama de disciplinas em ciências sociais de cunho teórico-metodológico-crítico que se propuseram analisar e pesquisar as realidades da sociabilidade tanto coletiva como individual da experiência vivida, material/simbólica e subjetiva/intersubjetiva dos agentes sociais. Nas áreas das ciências sociais e humanas, uma abordagem interdisciplinar tornou-se imprescindível em variadas áreas de pesquisas acadêmicas (ciências políticas, história, sociologia, filosofia, geografia, antropologia, psicologia, etc.). Os laboratórios de pesquisas em ciências sociais passaram a destacar os estudos e problemáticas relativas às múltiplas opressões étnico-raciais, de gênero, de classe, de sexualidade/*queer* como temas que ao longo do tempo foram sendo capturados e enquadrados por estudos interseccionados, atravessados e interdependentes (Davis, 1983; Gonzalez, 1984, 1988; Crenshaw, 1991; Collins, 2000; Lugones, 2008; Butler, 2006).

Essas transformações, foram e continuam a ser, grosso modo, adotadas ou rechaçadas ao longo do tempo segundo historiografias/genealogias específicas, localizações geográficas e/ou capacidade de penetração e protagonismo nos ecossistemas digitais de comunicação globalizados. Uma genealogia histórica, complexa e heterogênea (Quijano, 2000, 2007b)–integrada aos vários conflitos internos e externos do Norte Global/Sul Global–se consolida através dessas metamorfoses advindas tanto do meio universitário acadêmico, dos diversos movimentos sociais e/ou iniciativas da sociedade civil e coletivos de forma geral dos últimos 40 anos. Observamos assim que é através de uma leitura geopolítica complexa que os processos de dominação e exploração oriundos do sistema neoliberal/capitalista revelam a

urgência e pertinência do pensamento decolonial Latino Americano: a *colonialidade do poder, do ser e do saber* (Quijano, 2000; Maldonado-Torres, 2007; Mignolo, 2018).

Nessa tradição de pensamento decolonial teórico-metodológico-crítico vale destacar a crítica de cunho marxista como ferramenta analítica-reflexiva basilar no contexto da *colonialidade/modernidade/decolonialidade* (Dussel, 1977, 1992; Fanon, 1961; Quijano, 2000; Mignolo, 2011; Grosfoguel, 2012). A leitura marxiana interpretativa/hermenêutica das diversas opressões interseccionadas de vidas humanas subalternizadas, assim como a fauna e flora ambiental, ou ainda a arte e a estética, continua sendo uma opção analítica-crítica influente nas análises sobre a exploração, o extrativismo e a alienação reiteradas dos processos de coisificação e desumanização promovidos pelo regime neoliberal-capitalista.

Através dessa pincelada sucinta de referentes políticos, socioeconômicos e culturais, reitero o objetivo desse artigo de contextualizar, situar e localizar os eixos centrais históricos-dialéticos “a contrapelo”, ou seja, no sentido de Walter Benjamin para quem “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’” (1994, p. 229). Nesse contexto essa breve análise se situa em um tempo-espaço posterior a 2ª Guerra Mundial até o momento presente afim de posicionar nossa investigação socioantropológica na atualidade recente das últimas décadas.

2. Raça/Classe, Gênero/Feminismo, Sexualidade/Queer

Embora possa ser um truísmo é possível considerar que o Século 21 abarca as mudanças e deslocamentos da sociabilidade para uma nova realidade material-simbólica somente na segunda década, a partir de 2010. Como ressaltamos acima, um movimento de intensificação da *colonialidade* sobre nossa sociabilidade se transforma parcialmente e passa a ser definida e normatizada pelo ecossistema tecnológico digital das Big Techs/Algoritmos. Uma nova arena de discussão e debates na *Polis*, ou seja, uma nova *Ágora* mediada digitalmente/virtualmente, passa a desafiar o *status quo* e promover a expansão transversal, acelerada e dinamizada do espaço-tempo relativo à sociabilidade e comunicabilidade nunca antes vivenciados. Vale lembrar que alguns aspectos desses desafios já haviam sido avançados e discutidos nos trabalhos críticos e inovadores de Donna Haraway nos anos 1980 através de

sua obra visionária *Cyborg Manifesto*⁹ (1991) ou ainda através de filmes de ficção como Matrix no final da década de 1990.

No âmbito universitário-acadêmico os estudos sobre as temáticas étnico-raciais, de gênero, feminismo, sexualidade e LGBTQIA+ dos anos 1970, 1980 e 1990 ganham maior interesse e novos espaços nos laboratórios e centros de pesquisas nos vários países do Norte Global e do Sul Global. Contudo, essa inserção continua sendo marginal quando comparada às temáticas consagradas (de herança positivista) com predominância nos temas relativos às relações de classes sociais mediadas pela economia financeira, a mundialização, a filosofia, os processos migratórios, as problemáticas dos Estados-Nações, entre os mais frequentes.

Na pesquisa socioantropológica as divisões e classificações acadêmicas disciplinares, em princípio, são inseridas nas metodologias científicas preocupadas em situar/localizar a investigação no tempo-espaço geográfico, cultural, socioeconômico, político, etc. O legado marxista (como citado acima) nos parece ser teoricamente pacificado nesse sentido, mesmo se considerarmos que o projeto revolucionário possa ser defendido e exaltado ou simplesmente contestado e/ou considerado superado. Fato é que a *colonialidade do poder* coloca o capitalismo neoliberal atual como premissa para qualquer estudo em ciências sociais e humanas. E é nesse contexto socioeconômico, geopolítico e cultural de viés ocidental eurocêntrico/estadunidense que observamos uma tensão crescente oriunda do *backlash* generalizado sofrido pela pesquisa acadêmica voltada para os temas étnico-racial, de gênero, de sexualidade/queer (LGBTQIA+) no Brasil, na França, na Inglaterra, Estados Unidos, etc.

Para além dessa *estrutura-histórica-heterogênea* (Rubbo, 2018, p. 402) fomos também surpreendidos e capturados, ao longo dos anos Covid (2019/2021), por uma série de novas disputas convergentes, mas também contraditórias como os movimentos anticiência e

⁹ “Cyborg imagery can help express two crucial arguments in this essay: first, the production of universal, totalizing theory is a major mistake that misses most of reality, probably always, but certainly now; and second, taking responsibility for the social relations of science and technology means refusing an anti-science metaphysics, a demonology of technology, and so means embracing the skilful task of reconstructing the boundaries of daily life, in partial connection with others, in communication with all of our parts. It is not just that science and technology are possible means of great human satisfaction, as well as a matrix of complex dominations. Cyborg imagery can suggest a way out of the maze of dualisms in which we have explained our bodies and our tools to ourselves. This is a dream not of a common language, but of a powerful infidel heteroglossia. It is an imagination of a feminist speaking in tongues to strike fear into the circuits of the supersavers of the new right. It means both building and destroying machines, identities, categories, relationships, space stories. Though both are bound in the spiral dance, I would rather be a cyborg than a goddess” (Haraway, 1991, p. 181).

antivacinas. Nessa conjunção, muitas dessas problemáticas investigativas parecem estar hoje cada vez mais cristalizadas e/ou atravessadas pelo termo de senso comum *woke*. Esse termo, importado e próprio à realidade norte-americana, tem sua origem na versão genérica e popular amplamente propagada pela ultradireita europeia-estadunidense-liberal do termo *identitarismo*.¹⁰ O verbo *woke* em inglês é na verdade oriundo de uma expressão da cultura negra antirracista estadunidense que significa “despertar, estar atento ou alerta” sobre as questões próprias à experiência do racismo nesse país. Embora essa categoria de senso comum (*woke*) seja importada de uma realidade distinta do contexto francês e brasileiro, fato é que tem se alastrado através das redes sociais e mídias *mainstreaming* de forma genérica. Transformado em vírus sintomático, esse *backlash* é expresso em grande parte pela ultradireita internacional reacionária que tem conseguido estigmatizar e cooptar boa parte das bandeiras conquistadas pelos movimentos sociais e coletivos ligados às lutas feministas, antirracistas, de gênero e de sexualidade das últimas décadas.

Junta-se a essa estigmatização generalizada as correntes de pesquisa oriundas das teorias críticas raciais, decoloniais e pós-coloniais igualmente alvos das práticas do chamado “cancelamento” difundido nas redes sociais como Twitter/X, Facebook, Instagram, TikTok, Telegram, etc. que têm contribuído para transformar o ambiente da pesquisa científica acadêmica em campo de batalha usurpado pelo ecossistema digital/virtual altamente deletério e controverso. Assim, o pensamento e a reflexão—tão essenciais e necessários ao rigor científico, à pesquisa e à investigação—passaram a ser mediados por diferentes atores políticos, pelas redes sociais, por centros e laboratórios universitários muitas vezes antagonistas e/ou autoritários. Nesse confronto muitas vozes da academia se misturam às vozes das mídias corporativas hegemônicas com viés ideológico de extrema direita e/ou de “supremacia branca” explícita.¹¹ Esse estado de coisas levou o filósofo e escritor sul-africano

¹⁰ A crítica de Nancy Fraser sobre *identity politics* nos EUA tem como foco as contradições dos ativistas políticos de vertente progressista liberal que em última instância têm favorecido o crescimento do projeto contrarrevolucionário capitalista-neoliberal. Segundo Fraser “*these liberal-individualist understanding of “progress” gradually replaced the more expansive, anti-hierarchical, egalitarian, class-sensitive, anti-capitalist understandings of emancipation that had flourished in the 1960s and 1970s*” (Fraser, 2017).

¹¹ Canal Youtube « Mediapart »: *Où est l'indignité ? Sur "L'appel des 80 intellectuels" contre la pensée décoloniale*. Retrieved April 14, 2021. <https://blogs.mediapart.fr/ludivine-bantigny/blog/191218/ou-est-lindignite-sur-l-appel-des-80-intellectuels-contre-la-pensee-decoloniale>

Achille Mbembe (2020) a classificar esse levante intelectual na academia francesa como uma manifestação defensiva de característica *idéicide*¹² (“idéiacide”) ou “epistemicídio.”

Na tentativa de enfrentar esses mundos atravessados, o lugar da desinformação, das Fake-News e das teorias de conspiração e/ou revisionistas, passam a influenciar e/ou confundir muitas das prerrogativas científicas até então pacificadas e consolidadas em ciências sociais. Nesse deslocamento a pesquisa/investigação passa a ter sua relevância questionada e capturada por uma série de críticas internas e externas de acirradas disputas sócio-mediático-político-acadêmico. As fronteiras entre essas diferentes esferas da vida social e intelectual têm, dessa forma, contribuído para o reordenamento de placas tectônicas de paradigmas que paulatinamente estão sendo deslocados através dos movimentos sociais e políticos muitas vezes reacionários e contrarrevolucionários oriundos principalmente da nova ultradireita internacional.

Esses movimentos, cada vez mais insolentes com suas bandeiras de cunho supremacista branco, têm funcionado, de maneira eficaz, como centro catalisador e dominante das Big Techs e Algoritmos que atualmente moldam grande parte de nossas vidas de *humanos-digitais*. Em um trabalho recente sobre o pós-capitalismo, o escritor, militante e economista grego, Yanis Varoufakis (2024), defende que diante da mutação sofrida pelo sistema-neoliberal-capitalista das últimas décadas entramos no que ele denomina de Techno-Feudalismo. Ou seja, um sistema altamente centralizador do “Poder Oligarca Globalizado das Big Techs/Algoritmos” situado nos dispositivos digitais das Nuvens e definido pelo autor como “Capital das Nuvens.”¹³ Essa nova perspectiva analítica do mundo capitalista contemporâneo se apresenta como uma exigência crítica, certamente, mas também como oportunidade de diálogo transversal-reflexivo que nos remete às premissas do pensamento crítico-decolonial da América Latina, a *colonialidade do poder*.

¹² “À peu près tous les deux ou trois mois, le public lettré d’expression française dans les quatre coins du monde est convié à un curieux sabbat au cours duquel des sacrificateurs auto-désignés procèdent à l’immolation rituelle non point d’un bœuf, d’un agneau ou de tout autre bouc émissaire, mais de ces courants de pensée, auxquels il convient d’ajouter les études de genre ou de la race, et de leurs dévots supposés. Cela fera bientôt vingt ans que dure le manège et rien, en l’état actuel des choses, ne semble devoir l’arrêter. À y regarder de près, cette offrande à l’on ne sait quel dieu a toutes les apparences d’une tentative d’idéicide.” (Mbembe, 2020).

¹³ A volta de Donald Trump como presidente dos EUA com apoio direto dos megamilionários empresários das empresas (Big Techs) digitais dominantes no mundo (Elon Musk do X, Zuckerberg da META, Google, Amazon, Apple) são a manifestação mais recente e concreta desse movimento de ultradireita internacional.

É, portanto, nesse contexto de vigilância digital e *The Age of Surveillance Capitalism* (Zuboff, 2019) político-mediático (simbólico-material) de muita disputa nutrida através de inúmeros retrocessos socioeconômicos, culturais, políticos e sociais nos países do Norte Global e Sul Global que têm afetado profundamente o espaço da academia e das ciências sociais que levantarei três eixos críticos-exploratórios, transversais e analíticos.

3. Reconstrução epistemológica e pensamento fronteiro/Borders

(I) Como elaborar as metodologias investigativas próprias ao campo da antropologia-social sobre a temática racial—e suas novas epistemologias—sem perder de vista a crítica relativa às perspectivas binárias impostas, normatizadas, produzidas e induzidas pela *Colonialidade do Poder* a qual defini em trabalho anterior como *Black-White-Coloniality*?¹⁴ (Perrier, 2022, p. 95).

Importante lembrar que a pluralidade dos processos cognitivos/rationais e intelectuais dos seres humanos é fruto da realidade concreta da experiência vivida e se apresenta como contra hegemônico ao pensamento binário. Ou seja, para além do senso comum hegemônico filosófico, há um consenso pacificado de que o pensamento binário é construído e normatizado socialmente. Nosso aprendizado dos fenômenos ligados ao conhecimento leva em conta vários estímulos intelectivos e perceptíveis que dependem de uma internalização para significância, como, por exemplo, outros estímulos de vias emocionais. Em cada processo de aprendizado novas pluralidades e/ou singularidades podem ou não resistir e se opor às categorizações de senso comum de classe social, de raça, de gênero, de sexualidade, etc. Novas epistemologias podem ou não serem construídas e inspiradas por outros imaginários, cosmologias, paradigmas e fronteiras do pensamento (*border-thinking*)¹⁵

¹⁴ *BWC/Colonialidade-Negro-Branco* é entendido principalmente como a interação relacional sociorracial intersubjetiva arbitrariamente definida pela oposição binária Negro-Branco: um ponto cego que oblitera a compreensão interdependente, fluída e transversal de múltiplas [des]identificações. Ou seja, a suposta invisibilidade da marcação e/ou consciência racial branca e sua *colonialidade* intrínseca é aqui hipotetizada como um poder relacional equívoco de cima para baixo exposto ao escrutínio tanto dentro de uma ordem socioeconômica, cultural e política-racializada-estrutural quanto sistêmica (Perrier, 2022, p. 98) [minha tradução].

¹⁵ “*The communal goes hand in hand with border-thinking or border epistemology: thinking from non-Western categories of thought. The first step of decolonial “delinking” is to re-inscribe, in contemporary debates and toward the future, social organizations and economic conceptions that were banned and silenced by the*

contra-hegemônicas (*delinking*).¹⁶ Dessa forma opera-se a transvaloração, a resignificação e a *reconstrução epistemológica* dos modos de ser, agir, pensar e estar no mundo que ainda se encontram subjugadas pela *colonialidade do poder, do ser e do saber*.¹⁷

Podemos então localizar e situar a “dialética Negro-Branco (*Black-White*)” como um processo que ao mesmo tempo constitui e perturba a *colonialidade*. Ela introduz uma lógica disruptiva pela qual processos relacionais de marcação e naturalização da corporificação negra como separado de uma suposta invisibilidade ou inconsciência da corporificação branca são desvendados, decolonizados e contestados. A perspectiva hipotética aqui apresentada aponta para o ‘padrão de poder colonial’ de esconde-esconde (*hide-and-seek*) que intersecta as ações do agente social, tanto material como simbolicamente, e aprimora uma série de modos conflitantes de ser, pensar e agir através de (des)identificações multidimensionais da alteridade” (Perrier, 2022, p. 98).

A *matriz do poder colonial*¹⁸ definido pela *colonialidade* determina dessa forma os processos de subalternidade do Sul Global impostos pelo Norte Global. O construto social das classificações de cor/raça em dois polos extremos Black-White (oriundas do sistema-mundo-moderno iniciado em 1492 pela invasão/colonização do Novo Mundo) se apresenta antagônico, separado. Essa subjugação imposta (White) através da violência, da opressão, da coisificação e da instituição da desumanidade da alteridade (Black) atravessa os séculos e se adapta às diversas mutações e readaptações do sistema-mundo-colonial/moderno global e capitalista. Dito de outra forma, esse eixo binário perdura e se solidifica na reiteração de sua definição primordial das relações socio-raciais de forma persistente e naturalizada da *colonialidade* que define o binarismo tanto como saber “legitimado cientificamente” como saber de senso comum: “Negro-inferior/Branco-superior.” Se a história “oficial” contada e

progressive discourse of modernity, both in its liberal capitalist and socialist communist vein” (Mignolo, 2012, p. 12).

¹⁶ “*Delinking means that there are other options looming large on the horizon, which dispute the monopoly of the colonial matrix of power that has been controlled for five hundred years by Western Europe and the US. Two trajectories of delinking, as explained previously are de-westernization and decoloniality.*” (Mignolo, 2012, pp. 9-10).

¹⁷ “*Decoloniality requires epistemic disobedience, for border thinking is by definition thinking in exteriority, in the spaces and time that the self-narrative of modernity invented as its outside to legitimize its own logic of coloniality*” (Mignolo, 2011, p. 6)

¹⁸ “*According to the theoretical positioning of decoloniality’s critical school of thought, modernity as the material, symbolic, and subjective social experience has been the expression of the new world power experience that gave rise to a global colonial matrix of power*” (Perrier, 2022, p. 1).

registrada pelo dito “vencedor” é validada em detrimento a voz silenciada e ignorada do suposto “vencido”, quais seriam as questões a serem levantadas sobre esse *encobrimento*?¹⁹ (Dussel, 1977).

Entendemos assim que o foco a ser analisado e desconstruído se encontra no eixo focal do binarismo imposto, produzido e assimilado de forma reiterada e persistente na sociabilidade e na comunicabilidade. BWC é dessa forma articulado como *locus* social e voz uníssona dos discursos e enunciados da ultradireita internacional e da supremacia branca difundida nas plataformas digitais do ecossistema dominado pelas Big Techs/Algoritmos capturados de forma sistemática—sem contraditório ou mediação—pela terminologia dita *woke/identitária*. Um exemplo contundente desse domínio digital é o canal Youtube *Brasil Paralelo*²⁰ como veículo mediático paradigmático da *colonialidade do poder* operante nas mãos do Norte Global. A linha diretriz desse canal Youtube é a desinformação, o revisionismo histórico, a manipulação ideológica religiosa, o anti-feminismo, a misoginia (através do masculinismo/machosfera), o racismo, a fobia LGBTQIA+, etc. Dessa forma, a manipulação ideológica do conservadorismo da ultradireita dominante impõe sua branquitude assim constituída na reiteração do binário BWC.

O ponto a ser salientado aqui é que o binarismo racial excludente é uma categoria de domínio arbitrário e equivocado. O binário da *colonialidade-Black-White* (BWC) camufla os elementos transversais, dependentes e intersectados para enfatizar sua própria definição discricionária de dois lados opostos independentes. Essa trama imposta e induzida é assim desvendada, contestada e decolonizada pela metáfora das duas faces de uma mesma moeda assim constituída na dualidade transversal e interdependente. Novos processos de ressignificação, de *reconstrução epistemológica* e de fluxo constante de interações e negociações das relações socio-raciais de agência e poder de pesquisadores/as brancos/as,

¹⁹ “La Modernidad se originó en las ciudades europeas medievales, libres, centros de enorme creatividad. Pero “nació” cuando Europa pudo confrontarse con “el Otro” y controlarlo, vencerlo, violentarlo; cuando pudo definirse como un “ego” descubridor, conquistador, colonizador de la Alteridad constitutiva de la misma Modernidad. De todas maneras, ese Otro no fue “des-cubierto” como Otro, sino que fue “en-cubierto” como “lo Mismo” que Europa ya era desde siempre. De manera que 1492 será el momento del “nacimiento” de la Modernidad como concepto, el momento concreto del “origen” de un “mito” de violencia sacrificial muy particular y, al mismo tiempo, un proceso de “en-cubrimiento” de lo no-europeo” (Dussel, 1992, p. 10).

²⁰ O mesmo tipo de canal Youtube é amplamente presente no ecossistema da internet na Europa. Dessa forma a mídia francesa (britânica, espanhola, italiana, alemã, etc.) se apresenta com características similares de conservadorismo reacionário oriundos da ultradireita internacional.

negros/as e mestiços/as desvelam a pluralidade e transversalidade de categorias mutantes, não-rígidas e não-fixas.

Como exemplo análogo dos efeitos perversos da naturalização-racial-binária (BWC) poderíamos citar a categoria genérica de “não-branco” utilizada por alguns estudiosos da teoria racial crítica. Numa lógica de dominação e imposição arbitrária, essa categoria: (a) reforça o binarismo orientado pela ideologia de supremacia branca como *eixo central e referencial de superioridade branca universal*; (b) acentua e valida o silenciamento e o apagamento da alteridade através de um *looping* que confirma o domínio imposto e induzido pela *colonialidade* BWC. A falta de lastro investigativo-empírico na construção dessa categoria analítica nos leva a crer que há aqui um equívoco dado que não é uma categoria reconhecida ou validada pela experiência vivida concreta, material e intersubjetiva das diversas populações negras, brancas ou mestiças tanto no Brasil como na França, e tampouco pelas ciências sociais desses dois países.²¹

A partir dessas premissas deve-se priorizar a investigação empírica e o processo de criação epistemológica, de ressignificação e validação das categorias capazes de promover e incorporar novas maneiras de ser, de fazer, de pensar e de valorar processos históricos heterogêneos, materiais-simbólicos e dialéticos que sejam potencialmente decolonizadores. Como exemplo de práxis aplicada/metodológica devemos nos situar e nos posicionar através do exercício da abstração e do escrutínio de categorias importadas de diferentes culturas, tradições históricas, políticas, culturais e socioeconômicas que não refletem a realidade dos saberes e modos de conhecer, de ser e agir próprios e distintos ao contexto específico sendo investigado.

Devemos portanto nos concentrar no sentido de questionar: (a) como se constroem imaginários e representações distintas, novos ou reiterados modos de sociabilidade relativos às relações socio-raciais a partir da experiência vivida dos agentes sociais, de seus *habitats* e cosmovisões diferenciadas; (b) planificar com precisão e rigor a coleta de dados afim de definir, estruturar e sistematizar as classificações, representações diversas e categorizações

²¹ Uma pesquisa etnográfica em um bairro periférico brasileiro mostraria que a população negra/preta, branca e mestiça dessas regiões não se identifica dessa forma por não ter sido socializada através dessa categoria racial que no Brasil se traduz principalmente pelas categorias de branco, preto, pardo e mestiço. Assim, a categoria “não-branco” genérica adotada por estudiosos das relações raciais é somente um exemplo de episteme estadunidense imposta e induzida de forma acrítica.

cunhadas e situadas a partir dos contextos específicos socioeconômicos, políticos, culturais e geográficos; (c) capturar os aspectos mutantes e controversos oriundos de experiências vividas em suas particularidades e/ou *pluriversalidades*²² capazes de atravessar e ressignificar a epistemologia unívoca universalista ocidental.

(II) Qual seria então o parâmetro de avaliação para saber se um/a pesquisador/a branco/a possui suficiente legitimidade e/ou “neutralidade” científica para investigar a cultura africana e as populações negras ou afros? Ou ainda, de forma inversa, tal exigência de legitimidade e “neutralidade” deveria ser aplicada igualmente sobre pesquisadores/as negros/as investigando as populações brancas?

Esse questionamento exploratório se amplia ao nos perguntar se a legitimidade do processo investigativo em ciências sociais exigiria: (a) que somente mulheres pudessem investigar sobre mulheres; (b) que o racismo seria contestado e pesquisado somente por aqueles que sofrem de racismo; (c) que os LGBTQIA+ seriam os únicos legítimos agentes capazes de analisar e pesquisar sobre orientação sexual e/ou de gênero na condição de alvos direto de preconceitos e discriminação; (d) ou ainda, que somente africanos, afrodescendentes ou mestiços seriam validados para pesquisar/investigar sobre o continente africano e sua diáspora? A resposta para todas essas injunções é claramente: não!

Importante aqui ressaltar que diante da tradição literária, ideológica e acadêmica dos países onde essas temáticas se tornaram objetos de investigação científica há ainda considerável resistência na academia e na sociedade como um todo no que se refere a legitimação de temáticas consideradas sensíveis como o racismo, o feminismo, o sexismo, a homofobia, etc. Mais especificamente, ao compararmos o Brasil com a França veremos que há diferenças nas escolhas das disciplinas de pesquisas em ciências sociais e humanas. Portanto, embora seja indiscutível a intersecção, o atravessamento e a interdependência dessas disciplinas fomentadas nas relações sociais, o ponto central proposto nesse artigo nos leva a ressaltar que a questão racial tem uma certa centralidade como objeto de pesquisa nas ciências sociais brasileira, não obstante seja marginal e mesmo combatida pela tradição universalista francesa.

²² “Pluri-versality *presupposes identity in politics and connectors as nodes, where the pluri-verse will not become a uni-verse*” (Mignolo, 2006, p. 45).

Deste modo, a posição metodológica/crítica de pesquisadores/as brancos/as, negros/as e mestiços/as no meio acadêmico se mostra delimitada segundo alguns critérios basilares: (a) aceitação e legitimação acadêmica do conceito de raça como constructo social nas pesquisas/estudos brasileiros versus a marginalização e/ou mesmo a deslegitimação do próprio conceito de raça nas pesquisas/estudos franceses; (b) a experimentação manifesta do racismo sistêmico-estrutural tipificado tanto no Brasil como na França; (c) as relações de poder e de dominação tensionadas por conflitos socio-raciais e disputas por protagonismo entre os/as pesquisadores/as negros/as, mestiços/as e brancos/as. Os itens (a) e (b) são longamente explorados e explicitados em pesquisa de doutorado publicada no livro *Couleur de Peau et Reconnaissance Sociale: l'expérience vécue des Afro-brésiliens émigrés à Paris* (Perrier 2016). O item (c) discorre sobre a evolução de paradigmas que dialogam com o processo de construção, ressignificação e *reconstrução epistemológica transmoderna*²³ decolonial (Dussel, 1992; Grosfoguel, 2012) proposta nesse artigo. Portanto, nessa sequência segue uma crítica exploratória sobre legitimidade e/ou injunções relativas as relações socio-raciais envolvendo as/os pesquisadoras/es negros, mestiços e brancos.

Diante do *backlash* promovido pela ultradireita internacional, como já mencionado acima, tanto pessoas negras/pretas, brancas, mestiças, acadêmicas, associadas ou não aos movimentos sociais e outros diversos segmentos da sociedade civil em geral (fora e dentro do ecossistema digital/virtual) estão em posição de promover o diálogo sobre a mudança de paradigma ocorrida ao longo dos últimos 40 anos. Este estado de coisas reflete as relações de poder, de força e de dominação disseminados pela *colonialidade do poder, do saber e do ser* interiorizada e reproduzida ideológica e materialmente no tecido estrutural neoliberal capitalista do sistema-mundo-colonial/moderno. Dito de outra forma, face ao levante reacionário da ultradireita internacional o enfrentamento do binarismo racial (BWC) não pode ser situado/posicionado, elucidado e decolonizado sem a investigação conjunta e intersectada dos fenômenos múltiplos envolvendo todas e todos agentes sociais constitutivos de sua própria construção e reificação (ou não-reificação).

²³ “Transmodernity is located ‘as a dialogue between the critical cultural innovators which is neither modern nor post-modern, but rather in a strict sense—trans-modern. The creative force that does not come from the interior of Modernity, but rather from its exteriority, or better yet from its—borderlands’” (Dussel, 1992, p. 25).

Colocamos assim a hipótese exploratória de que se um/a pesquisador/a branco/a não se permite estudar as relações raciais afim de explorar, decorticar e investigar os múltiplos processos de apropriação/reprodução e domínio que podem ou não exercer sobre os pesquisadores negros/as e mestiços/as não será possível sequer vislumbrar e explanar questões assim complexas e calcificadas em séculos de exploração, desumanização e violação da agência das sujeitas e sujeitos negros/as e mestiços/as. Ou seja, uma alegada neutralidade da parte de um/a pesquisador/a branco/a estudando populações negras, assim como, inversamente, da parte de um/a pesquisador/a negro/a ou mestiço/a estudando populações brancas, não encontra qualquer possibilidade de legitimidade em termos de neutralidade científica (Bento, 2002; Schucman, 2014; Perrier, 2016).

Ressaltamos ainda que a possibilidade de uma alegada “neutralidade científica,” em pleno século 21, careceria claramente de embasamento científico e enraizamento na realidade concreta da experiência vivida. Seres humanos, ou melhor, sujeitas e sujeitos não existem fora de suas interações sociais e desenvolvimento racional e/ou emocional para a manutenção de suas performances tanto individuais como coletivas. Portanto, não seria possível obliterar a investigação baseada somente numa suposta agência desses pesquisadores/as em prol de seus interesses pessoais e/ou carreiristas de cunho racista e discriminatório. De tal modo que as relações de força e de poder—de forma basilar—são sempre mediadas por regras e normas de conduta e hierarquias raciais, de classe, de gênero, de sexualidade, etc.

Estas relações sociais são assim dependentes dos aspectos intrínsecos e hegemônicos de valores morais e éticos de sociabilidade próprios às instituições tanto públicas como privadas, e segundo condições materiais, simbólicas e intersubjetivas da sociedade específica sendo investigada. Decorre assim que na impossibilidade de uma neutralidade científica, toda e qualquer investigação rigorosa e ética está situada em posição de confronto e oposição aos preconceitos, quadros normativos específicos, discriminações e injustiças a serem desvelados, denunciados e transformados em matéria prima da própria investigação em curso.

Por mais banal que seja essa constatação da realidade material-concreta, é imperativo que a transformação efetiva e necessária se concentre na mudança de paradigmas através da *reconstrução epistêmica* de novos modos de ser, de fazer, de pensar e de agir capazes de operar no sentido do enfrentamento do sistema estrutural neoliberal capitalista dominante em todas as esferas de organização e cooperação (economia, cultura, política, social, geográfica,

etc.). Somente a participação conjunta de pessoas negras, brancas e mestiças poderia reunir assim elementos para a luta efetiva visando a equidade no confronto da *colonialidade* imposta e reiterada das injustiças enraizadas no mundo acadêmico e nas diversas esferas sociais, políticas, econômicas, culturais, etc.

Logo, o parâmetro fundamental-operante para que a agência desses pesquisadores e pesquisadoras seja nutrido de regras/normas antirracistas de cunho ético, de responsabilidade e respeito a alteridade se apoia sobre o parâmetro de equidade e de justiça alcançados através da humanização como alvo central e irrevogável de toda/o e qualquer sujeita/o subjugada/o, subalternizada/o e desumanizada/o.

(III) Como promover a investigação em ciências sociais sobre branquitude ou negritude (e a consequente produção, coleta de dados e elaboração de resultados) sob a ótica da teoria racial crítica e da decolonialidade para situar/posicionar os/as pesquisadores/as e seus/suas interlocutores/as face à análise dos vieses ideológicos hegemônicos identificados ao longo do trabalho de elaboração científica?

A coleta de dados para a análise qualitativa da experiência vivida das populações subalternizadas e oprimidas é fundamental para que os agentes pesquisadores e respectivos interlocutores possam explorar e desvendar os processos relacionais interdependentes e interseccionados contidos e voltados para a *reconstrução epistemológica*. Nesse sentido, advogamos, junto com Anibal Quijano, que a *estrutura-histórica-heterogênea* (Rubbo, 2018, p. 402; Quijano, 2000) tanto no nível coletivo como individual das ações socioeconômicas, socio-raciais e políticas, componha o campo da *racionalidade alternativa* e da *temporalidade histórica múltipla* (*ibid.*). Considerando assim a premissa basal de que não existe pessoas negras, mestiças e brancas que sejam independentes, neutras ou isentas nos campos da ação e práticas sociais, econômicas, culturais e políticas.

Dito de outra forma, o contexto da sociabilidade e da comunicabilidade define em definitivo as tramas e condições de disputas, de lutas, de relações de poder e de força que não existem no vácuo de existências neutras. Portanto, é fundamental apontar que não existe *dissociação das ontologias* próprias e específicas—situadas/localizadas—em contextos históricos definidores que possa ser ignorada no cotidiano da experiência vivida singular e característica das respectivas sociedades sendo investigadas. Nesse sentido, a possível e realizável *dissociação das ontologias* precisa ser construída, explorada e orientada através de

práticas e ações estratégicas efetivas no desvelamento do imaginário, mas, principalmente, da realidade concreta da *colonialidade do poder, do saber e do ser* no sentido de sua própria superação.

O enfrentamento da *matriz racial colonial moderna* sistematizada, estruturada e constituída pela *colonialidade* exige que categorias diversas elaboradas no passado e no presente sejam escrutinizadas, afirmadas ou contestadas, criadas ou recriadas, transformadas ou rechaçadas, etc. segundo elementos qualitativos coletados através da leitura e da observância rigorosa da dinâmica da experiência vivida situada/localizada e contextualizada. No sentido do que nos alertou “Fausto Reinaga (the Aymara intellectual and activist) who clearly stated in the late sixties: ‘I am not Indian, dammit, I am Aymara. But you made me Indian and as Indian I will fight for liberation’” (Mignolo, 2007, pp. 2-3). Reinaga expressa sua afirmação de *identidade na política*²⁴ de forma incisiva e consciente sobre a realidade concreta das relações socio-raciais de seu tempo que ecoam com precisão no tempo e espaço presentes. Ele nos incita que devemos:

Within the logic of identity in politics, concentrate our efforts into establishing a dialogue that may enhance a space for conversation and the subversion of the homogeneous discourse dominating coloniality’s racial matrix of power. A decolonising-within tool: a necessary action-step towards transvaluing Western epistemic dominance into a cultural dialogic-action²⁵ perspective. (Perrier, 2022, p. 100).

Como exemplo análogo podemos ressaltar as reivindicações de apoio aos movimentos e manifestações diversas de negritude e/ou branquitude que compõem o tecido temático-analítico das teorias críticas raciais sobre lutas ideológicas, culturais e políticas situadas nas problemáticas do binarismo e da naturalização das relações sociorraciais (Fanon,

²⁴ “Identity in politics is crucial for any de-colonial option, since without building political theories and organizing political actions that are grounded on identities that have been allocated (e.g., there were no Indians in the American continents until the arrival of the Spaniards; and there were no Blacks until the beginning of the massive slave trade in the Atlantic) by imperial discourses (in the six languages of European modernity—English, French and German after the enlightenment; and Italian, Spanish and Portuguese during the renaissance), may not be possible to de-naturalize the imperial and racial construction of identity in the modern world under a capitalist economy. Identities constructed by European modern discourses were racial (that is, the colonial racial matrix) and patriarchal.” (Mignolo, 2007, pp. 2-3).

²⁵ “No objetivo dominador da ação cultural antidialógica se encontra a impossibilidade de superação de seu caráter de ação induzida, assim como, no objetivo libertador a *ação cultural dialógica*, se acha a condição para superar a indução” (Freire, 2020, pp. 246-247).

1952, 1961; Collins, 2000; Bento, 2002; Schucman, 2014; Perrier, 2016, 2022; DiAngelo, 2018). Essas categorizações são inicialmente expostas ao escrutínio analítico de suas raízes histórico-culturais e segundo a *diferença colonial* (Mignolo 2002). Nesse processo, algumas lógicas de senso comum como “escurecer” ou “embranquecer” quando questionadas e investigadas podem revelar as relações de poder e de força próprios à dominação e a reapropriação cultural e sociorracial. Muito embora, a hipótese, muitas vezes aleatória, de que ao participar da luta antirracista algumas pessoas brancas expressariam uma suposta “traição à sua branquitude,” ou seja, seriam contra-hegemônicas ao seu grupo social branco, seja, por vezes, falaciosa.

Essa premissa de “traição ao grupo social branco” pode e deve ser escrutinizada uma vez que não encontra lastro real no campo empírico da experiência vivida para além de elementos de desejo e/ou discursividade epistêmica de características eurocêntrica-ocidental-imperial. Dito de outra forma, para que haja uma traição é preciso assumir a premissa de que a expressão, ação ou prática racista tenha sido perfeitamente incorporada na experiência vivida de identificação sociorracial de pessoas pertencentes ao grupo branco. Essa hipótese, assim imposta e induzida, tem suas raízes e representações subjetivadas de forma exógena que precisam ser expostas em sua expressão endógena. Isso porque muitos antirracistas declarados podem efetivamente continuar a reproduzir comportamentos interiorizados de preconceito, discriminação e racismo por meio de atitudes condescendentes que ferem e violentam a sensibilidade e a humanidade de negros/as e mestiços/as. Enquanto outros/as, por sua vez, talvez nunca tenham de fato incorporado uma diferença hierárquica de dominação e subjugação do Outro através de preconceitos e/ou discriminação raciais, etc.

Nessa linha crítico-reflexiva Patrícia Hill Collins (2000) afirma a posição complexa das relações sociorraciais alienantes e sob escrutínio das diversas opressões que de forma arbitrária podem ou não manipular sujeitas e sujeitos:

Oppression is filled with contradictions because these approaches fail to recognize that a matrix of domination contains few pure victims or oppressors. Each individual derives varying amounts of penalty and privilege from the multiple systems of oppressions which frame everyone's live. (Collins, 2000, p. 304).

É possível assim observar a dinâmica das relações sociorraciais onde processos de manipulação, dominação e privilégios assimétricos, sutis, velados ou poucos claros, nos levam a questionar sobre os vieses de bandeiras carregadas por pessoas assumidamente antirracistas. Vale aqui lembrar que nem tudo que é dito de maneira normativa e convencional (segundo as regras hierárquicas de um determinado grupo social) reflete realmente a interiorização de preconceitos e discriminações muitas vezes naturalizados e marcados de forma indelével na psique e no comportamento de pessoas bem intencionadas.

Essa mesma lógica é intimamente ligada a problemática feminista e de sexualidade igualmente sujeitas ao rigor da investigação que pode ou não mostrar a interiorização e alienação de comportamentos machistas, sexistas ou homofóbicos oriundos daqueles e daquelas que carregam bandeiras de lutas feministas e LGBTQIA+. Nesse sentido, o compromisso antirracista de pessoas brancas pode ser medido pelo seu compromisso político de entrar em conflito com aquilo que permite que seus privilégios sejam colocados em posição assimétrica à posição de discriminação e subalternidade da população negra e mestiça.

4. CONCLUSÃO

O *backlash* em curso promovido pelo movimento conservador internacional da ultradireita implica no retrocesso de valores socioeconômicos, políticos e culturais humanitários de justiça e de equidade. Diante da correlação de forças desiguais e fragilizadas os países do Sul Global se veem frente ao recrudescimento de lutas de resistência, de reconstruções e reelaborações de novas táticas/estratégias no confronto às investidas brutais e virulentas da ultradireita. Esse retrocesso de características altamente reacionária, supremacista-branco-fascizante, deve ser nomeado através de um letramento antirracista, antissexista, anti-LGBTfobia, anticapitalista/imperialista capaz de fortalecer bases democráticas sólidas e operacionais de afirmação de valores de justiça e equidade.

Explorar e refletir sobre ações e práticas de investigação e métodos qualitativos empíricos baseados em leituras críticas sobre *white fragility* proposta por Robin DiAngelo²⁶

²⁶ “White fragility” = “Socialized into a deeply internalized sense of superiority that we either are unaware of or can never admit to ourselves, we become highly fragile in conversations about race. [...] The smallest amount of

(2018)—assim como reflexões sobre a condição negra/branca condicionada pela *colonialidade* (BWC) identificado através do *pacto da branquitude* proposto por Aparecida Bento²⁷ (2002) nos ajuda a elaborar e aprimorar o processo de *reconstrução epistêmica*. Para que dessa forma as vozes silenciadas e violentadas possam não somente falar (Spivak, 1988) mas acima de tudo serem escutadas (Perrier, Nardi, Di Legge, 2018) e liberadas da condição imposta e induzida de opressão, marginalização e silenciamento.

A manipulação de mentes e corpos através do domínio digital invasivo e ditatorial das Big Techs/Algoritmos sobre nossa sociabilidade e comunicabilidade é efetivamente um dos desdobramentos atuais mais temerários da ultradireita reacionária internacional. O novo mundo multipolar nascente do Sul Global é nessa lógica o alvo a ser abatido pela crise do capitalismo globalizado financeiro neoliberal em curso. Diante desse momento histórico turbulento a pesquisa em ciências sociais e humanas deve se manter alerta, resistente e combativa em suas práticas e estratégias de luta e de resiliência. Nesse sentido proponho:

Two exploratory decolonial-praxis: (a) the advocacy for a truthful dialogue, a discursive caring conversation in which both oppressed and oppressor are impartially acknowledged, informed and liberated from the arbitrary binary and misleading ideological core framework of Black-white-coloniality; (b) bear in mind the colonial difference so as to advance towards other modes of being, thinking, acting and knowing to be integrated, transvalued and expanded into a transmodern pluriversal world: “an-other paradigm” as per Mignolo’s contention. (2006, p. 46; Perrier, 2022, p. 120).

REFERÊNCIAS

Benjamin, W. (1987). *Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*, Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin, Ed. Brasiliense, pp. 222-232, São Paulo.

racial stress is intolerable—the mere suggestion that being white has meaning often triggers a range of defensive response. These include emotions such as anger, fear, and guilt and behaviours such as argumentation, silence, and withdrawal from the stress-inducing situation” (DiAngelo, 2018, p. 2).

²⁷ “Pacto da branquitude” = Conjunto de práticas e comportamentos que sustentam a supremacia branca nos espaços de poder, perpetuando a desigualdade racial. Ou seja, ele é um acordo não-verbal de manutenção de pessoas brancas nos espaços de poder, e geralmente homens brancos. A autora ainda afirma que esse pacto não ocorre de modo oficial, mas sim, oficioso, já que garante a manutenção dos privilégios através das pessoas que ocupam estes espaços de uma forma subliminar (Bento, 2002).

- Bento, M.A.S. (2002). *Pactos Narcísicos no Racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*, Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Brah, A. (1996). Difference, Diversity, Differentiation. In *Brah, Avtar. Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*, Chapter 5, pp. 95-127. Translation by *Cadernos Pagu* (26), 2006, pp. 329-376, Routledge, London/New York.
- Butler, J. (2006). *Trouble dans le Genre. Le féminisme et la subversion de l'identité*, Ed. La Découverte Poche, Sciences Humaines et Sociales n° 237, Paris (2005-2006 pour la traduction française).
- Collins, P. H. (2000). *Black Feminist Thought. Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*, Routledge, 2nd Ed., London / New York.
- Crenshaw, K. (1991). Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color, *Stanford Law Review* 43, N° 6, pp. 1241-1299.
- Davis, A. Y. (1983). *Women, race, and class*, First Vintage Books Edition, New York, Copyright © 1981.
- DiAngelo, R. (2018). *White Fragility. Why it's so hard for White People to Talk About Racism*, Beacon Press, Boston, Massachusetts.
- Dussel, E. (1992). *El encubrimiento del otro (Hacia el origen del "mito de la modernidad")*. Obras Selectas XIX, 1° Ed. Buenos Aires.
- Dussel, E. (1977). *Filosofía ética latinoamericana*, Vol. 1. Editorial Edicol, Mexico.
- Fanon, F. (1952). *Peau noire, masques blancs*, Éditions du Seuil, Paris.
- Fanon, F. (2002 [1961]). *Les Damnés de la Terre*, La Découverte Poche, Paris.
- Fraser, N. (2017). The End of Progressive Neoliberalism. *Dissent Magazine*, January 2. Retrieved December 15, 2020
https://www.dissentmagazine.org/online_articles/progressive-neoliberalism-reactionary-populism-nancy-fraser
- Freire, P. (2020). *Pedagogia do Oprimido*. Paz & Terra, 74ª Edição, Rio de Janeiro/São Paulo.
- Gonzalez, L. (1988b). A categoria político-cultural de Amefricanidade. In *Tempo Brasileiro*, N° 92/93 (jan./jun.), pp. 69-82. Rio de Janeiro.
- Gonzalez, L. (1984). Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, pp. 223-244

- Grosfoguel, R. (2012). Decolonizing Western Uni-versalism from Aimé Césaire to the Zapatistas. *Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*, 1(3). Retrieved March 22, 2021
<https://escholarship.org/uc/item/01w7163v>
- Grosfoguel, R. (2006b). Word-System Analysis in the Context of Transmodernity. *Border Thinking and Global Coloniality. Review*, 29(2). (online)
- Haraway, D. (1988). Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. *Feminist Studies*, Vol. 14, No. 3. pp. 575-599.
- Haraway, D. (1991): A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century. In *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*, Routledge, pp. 149-181, New York.
- Lugones, M. (2008). *Colonialidad y Género*. Tabula Rasa, N° 9: 73-101, julio-diciembre 2008, Bogotá, Colômbia.
- Mbembe, A. (2020). Pourquoi ont-ils tous peur du postcolonial ? *AOC–Opinion* (30/07/20) Retrieved July 25, 2021.
<https://aoc.media/opinion/2020/07/30/pourquoi-ont-ils-tous-peur-du-postcolonial-2/?loggedin=true>
- Maldonado-Torres, N. (2007). *Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de um concepto*. El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global, pp. 127-167. Retrieved April 1st, 2024.
<https://www.jstor.org/stable/j.ctvnp0jr5.23>
- Mignolo, W. (2018). Decoloniality and Phenomenology: The Geopolitics of Knowing and Epistemic/Ontological Colonial Differences. *The Journal of Speculative Philosophy*, vol. 32, n° 3. Special Issue with the Society for Phenomenology and Existential Philosophy, pp. 360-387.
- Mignolo, W. (2012). Delinking, Decoloniality & Dewesternization: Interview with Walter Mignolo (Part II). By Christopher Mattison. Originally published in HKAICS. 9-10
<http://criticallegalthinking.com>
- Mignolo, W. (2011). *Geopolitics of Sensing and Knowing*, Transversal, Vol. 08, published online. Retrieved September 22, 2020. <http://eipcp.net/transversal/0112/mignolo/en>

- Mignolo, W. (2007). The de-colonial option and the meaning of identity in politics, Goteborg University. Faculty of Social Sciences, School of Global Studies. *Regional Studies. Inst. of Iberoamerican Studies*, Anales Nueva Epoca, pp. 9-10: Retrieved May 11, 2021. <http://hdl.handle.net/2077/4500>
- Mignolo, W. (2002). The Geopolitics of Knowledge and the Colonial Difference. *The South Atlantic Quarterly* 101:1, Winter 2002. Ed. Duke University Press, pp. 57-96.
- Nicolelis, M. (2024). “[Miguel Nicolelis / A próxima fronteira da humanidade: IA na Neurociência](#)”(youtube.com)
- Perrier, L., & Andrade, L. M. (2022). *Crossing Racial Borders. The Epistemic Empowerment of the Subaltern*. Lexington Books, Maryland.
- Perrier, L., & Nardi, H., Di Legge, F. (2018). *Les subalternes, peuvent-elles/ils (parler) être écouté-e-s ?* Culture Kairós [En ligne], paru dans Les numéros, mis à jour le 11/12/2018. <https://revues.mshparisnord.fr/cultureskairos/index.php?id=1713>
- Perrier, L. (2018). *L’altérité et l’identité à l’épreuve de la fluidité*, L’Harmattan, Logiques Sociales, Paris.
- Perrier, L. (2016). *Couleur de peau et reconnaissance sociale. L’expérience des Afro-brésiliens émigrés à Paris*, L’Harmattan. Logiques Sociales, Paris.
- Quijano, A. (2007a). Questioning “Race”, Socialism and Democracy; 21:1, pp. 45-53. Downloaded by [University of Washington Libraries] at 20:52, 17 February 2013. <https://doi.org/10.1080/08854300601116704>
- Quijano, A. (2007b). Coloniality and Modernity/Rationality. *Cultural Studies*, Vol 21, Issue 2-3, published online: Taylor and Francis, Routledge, pp. 168-78. <https://doi.org/10.1080/09502380601164353>
- Quijano, A. (2000). Coloniality of Power, Eurocentrism and Latin America. *Nepantla: Views from South*, Vol.1, n° 3, Duke University Press, 533-580. Retrieved February 5, 2021. <https://decolonialtranslation.com/english/quijano-coloniality-of-power.pdf>
- Rubbo, D. A. (2018). Anibal Quijano e a racionalidade alternativa na América Latina: diálogos com Mariátegui. *Estudos Avançados* 32(94), Faculdade de Filosofia, Letras e Humanas/USP, São Paulo.
- Schucman, L. V. (2014). *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na Cidade de São Paulo*, Ed. Annablume, São Paulo.

- Silva, R. F., & Paniago, R. N. (2024). Dossiê: A Inteligência Artificial e Educação: debates críticos e boas práticas na escola básica e na educação superior.
DOI:10.12957/riae.2024.86194 / <https://orcid.org/0009-0004-9115-9929> Roni França
Silva / <https://orcid.org/0000-0003-1178-8166> Rosenilde Nogueira Paniago
- Spivak, G. C. (1988). *Can the Subaltern Speak?* Macmillan, London.
- Varoufakis, Y. (2024). *Les Nouveaux Serfs de l'économie*. Éditions Les liens qui libèrent, Paris.
- Wallerstein, I. (2013). *World-systems analyses. Sociopedia.isa*. Yale University. DOI: 10.1177/2056846013114
- Zuboff, S. (2019). *The Age of Surveillance Capitalism. The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*, Profile Books, London.